

O *BILDUNGSROMAN* E A PERDA DA INOCÊNCIA EM O *APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO*, DE J. D. SALINGER

Adolfo José de Souza Frota¹

Não me importo com os políticos. Tenho nada em comum com eles.
Eles tentam limitar os nossos horizontes; e eu tento expandi-los.
(Salinger – Entrevista ao *The Paris Review*)

RESUMO

O presente artigo propõe analisar o romance *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, observando a proposta pedagógica do *Bildungsroman* ao refletir a relação da personagem central com a sociedade em seu processo de amadurecimento. Com isso, obra, sociedade e momento histórico se tornam pontos fundamentais para o entendimento do Romance de Formação.

Palavras-chave: bildungsroman, literatura norte-americana, contexto histórico.

Poucos são os escritores que alcançam renome internacional por publicar apenas um romance. Muito menos é comum que o mesmo autor, depois de reconhecido sucesso, resolva ter uma vida de reclusão e quase total isolamento. Essas duas características podem ser atribuídas ao escritor norte-americano Jerome David Salinger, nascido em 1º de janeiro de 1919 e ainda vivo.

Podemos considerar Salinger mais um exímio contista do que um romancista. De sua não-extensa produção literária se destacam os volumes de contos *Nove estórias*, *Franny & Zooey*, *Carpinteiros, levantem bem alto a cumeeira* e *Seymour: uma apresentação*. Além dessas coletâneas, o autor tem mais de 20 contos inéditos (no Brasil e EUA por nunca terem sido reunidos em livro) e esquecidos.

Algumas dessas narrativas são esboços de contos e personagens posteriormente desenvolvidos e publicados em livro. O seu único romance, *O apanhador no campo de centeio*, foi uma verdadeira febre juvenil nos Estados Unidos na década de 50, época dos movimentos contraculturais como o *beatnik* e o *rock and roll*. Podemos considerá-

¹ Mestre em Letras. Professor de literaturas de língua inglesa – UEG – UnU Campos Belos.
E-mail: adolfo_thedrifter@yahoo.com.br

lo como uma bíblia da juventude da classe média estadunidense do pós 2ª Guerra Mundial.

O enredo é simples: o adolescente Holden Caulfield, estudante de uma escola caríssima, a *Pencey Prep School*, está contando os dias de sua expulsão (o 4º colégio seguido) e antes de ser enviado para os pais, resolve abandonar o colégio e viver uma odisséia pela vida noturna e adulta nova-iorquina. Suas experiências mal-fadadas pelo mundo adulto fazem-no reconhecer que não poderá mais ser criança, apesar de querer e se sentir responsável pela proteção de todas elas. Ele também descobre que sente saudade daqueles colegas de escola que tanto desprezava. A surpresa é que Holden conta a sua história em um divã.

O tema do jovem que sente a pressão de ter que abandonar o mundo infantil e se tornar adulto é uma obsessão do autor: além de *O apanhador...* o livro *Franny & Zooey* compartilham dessa mesma temática. Holden, por exemplo, sente dificuldades em admitir a vida de um adulto, pois imagina que a pureza está na inocência. Ao buscar razão para a sua existência, deseja ardentemente ser aquele que vai resguardar a pureza infantil de cair no abismo do mundo externo.

O apanhador no campo de centeio reflete o período conturbado de transição entre fases. O romance se caracteriza como um *Bildungsroman* por apresentar o duro processo de aprendizagem do seu protagonista que procura romper com a sociedade de sua época para criar a sua própria, objetivo este que não se concretiza. Para entendermos como o tema se caracteriza, faz-se mister discutir alguns aspectos teóricos do *Bildungsroman*.

A concepção do *Bildungsroman* através dos tempos

É comum, ao se pensar em literatura, relacioná-la a um determinado contexto histórico, principalmente quando se torna perceptível a reflexão ideológica e histórica das obras literárias seja como um espelho da sociedade ou seja como um instrumento que adquire certa função social. Entretanto, cabe também esclarecer que a literatura não está, necessariamente, conjugada a algum contexto histórico. Há, no mínimo, uma infinidade de possibilidades críticas e teóricas.

Entre as teorias que abordam aspectos históricos e os estuda na formação psico-social-filosófica das personagens, se destaca o *Bildungsroman*, termo e teoria literária

que surge na Alemanha oitocentista para analisar o romance de personagem, que discute e apresenta a sua trajetória como ser humano.

O *Bildungsroman* pode ser compreendido a partir de um processo de justaposição de dois radicais germânicos: *Bildung* (Formação) e *Roman* (Romance), significando Romance de Formação.

Segundo Wilma Patrícia Maas em seu livro *O cânone mínimo* (2000, p. 42), o termo foi criado pelo professor de Filologia Clássica Karl Morgenstern no ano de 1810, em Dorpat, Alemanha. O *Bildungsroman*, como definiu Morgenstern (apud MAAS, 2000, p. 19), representa o jovem em formação com o objetivo de alcançar um determinado grau de perfectibilidade, e segundo ele, este tipo de literatura também auxilia a formação do leitor.

O livro de Maas se torna uma obra importante por traçar um perfil histórico e evolutivo do Romance de Formação. Citando o filósofo Dilthey, Maas (2000, p. 20) nos informa que esse autor desenvolveu a ideia de que o *Bildungsroman* é tradicionalmente um romance com elementos autobiográficos, o que favorece a afirmação de identidade, uma vez que desenvolve a história de um protagonista, da infância à maturidade. Dilthey também afirma que esse romance caracterizaria o “espírito nacional alemão” posto que o *Bildungsroman* mostraria o desenvolvimento de um jovem dentro de determinada cultura e contexto histórico. O que representaria tanto os anseios individuais quanto os de uma coletividade, ao ressaltar os aspectos culturais e históricos de um povo, contrapondo à ideia de formação apenas do protagonista individual no romance, como é nítido no conceito dado por Morgenstern.

Dilthey, então, associa a ideia do romance *Bildungsromane* (o plural de *Bildungsroman*) com o contexto histórico da época, conjugando a historicidade alemã e europeia, o período de emancipação política da Alemanha com o novo gênero literário que representa os ideais da burguesia, mostrando as características de um povo através da produção literária.

A partir dessa concepção, a ideia de *Bildungsroman* passa a dialogar com a educação, pois o final do século XVIII foi a época em que floresceram os indícios da educação moderna e os estudos de Rousseau, Pestalozzi, Basedow e do próprio Goethe na Alemanha. A partir desse enfoque, a educação foi considerada como um meio de moldar e formar o caráter dos homens. De acordo com Mendelsohn, isso abriria espaço

para uma literatura com o propósito de educar, refletindo, assim, as manifestações das concepções iluministas (apud MAAS, 2000, p. 28).

O Romance de Formação é um gênero literário cujo núcleo de significação está entrelaçado com a história social. Dessa forma, essa manifestação literária sofre influências do contexto histórico, podendo, inclusive, sofrer modificações de acordo com as necessidades do autor e do público. Se estar atrelado a um período histórico se torna uma das características mais importantes, é evidente que o gênero não engessa e acompanha as mudanças históricas. E essa característica é fator fundamental para a sobrevivência do Romance de Formação.

Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister, de Goethe, é considerado como o cânone do *Bildungsroman*. Marcus Vinicius Mazzari, em *Romance de formação em perspectiva histórica* (1999, p. 67), nos informa que a versão definitiva do cânone foi escrita durante os anos de 1793-1795. Goethe retrata e discute a sociedade de seu tempo ao tratar a questão da formação do indivíduo diante de determinadas condições históricas.

A obra citada seria tomada como um modelo de obras *Bildungsromane*, pois representa uma tentativa de integração harmônica do indivíduo com a sociedade, visto que esta tentativa seria um mecanismo da classe média ascendente para superar seus limites de conhecimento, com o intuito de se sobressair frente a uma época de conflitos sociais, políticos e econômicos, que enfrentava a Europa nos séculos XVIII e XIX (MAAS, 2000, p. 46).

Todavia, o crescente desenvolvimento da sociedade burguesa dificultava a integração do indivíduo com a sociedade. Em vista desse acontecimento, muitos escritores estabeleciam um posicionamento crítico em relação à obra de Goethe (MAZZARI, 1999, p. 68), o que contribui, conseqüentemente, para a ampliação e evolução do conceito de *Bildungsroman*.

Dentre essas mudanças mais significativas, podemos citar o livro de Cristina Ferreira Pinto, autora de *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. Na referida obra, Pinto (1990, p. 10) cita o teórico François Jost. O autor observa que o *Bildungsroman* é um romance moderno e pode ser apresentado como um romance histórico, social, psicológico, regionalista e de aprendizagem. Segundo o teórico, tal gênero literário é caracterizado por seus elementos temáticos e marcado pelas reações,

atitudes e pelo desenvolvimento interior do protagonista perante a sociedade. Diante disso, François Jost (apud PINTO, 1990, p. 11) caracteriza o *Bildungsroman* como um romance da adolescência ao retratar o processo durante o qual se “aprende a ser homem”. Em oposição a este pensamento, e aqui está mais um novo conceito, Amrine (apud PINTO, 1990, p. 11) ressalta que a formação do indivíduo se dá quando se trata tanto de um herói, quanto de uma heroína.

Este conceito de Amrine diz respeito ao *Bildungsroman* feminino, outra vertente do Romance de Formação. Como destaca Pinto (1990, p. 32), o *Bildungsroman* é importante para contribuir com a “afirmação da individualidade da mulher e para a realização dos seus anseios, assim como para a formação de uma sociedade onde isso possa concretizar-se”. Esta vertente do Romance de Formação comprova a evolução do gênero literário e desmistifica o posicionamento de Jost.

O conhecido e importante teórico Mikhail Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, subdivide o Romance de Formação em cinco modalidades, acompanhando a diversidade da formação do homem. Bakhtin (2003, p. 220-221) teoriza sobre a formação no tempo cíclico que se refere à “representação do mundo e da vida como experiência, para se chegar a um resultado”, discute também a formação no tempo idílico, que mostra as transformações do homem frente às concepções do mundo, que se dá com as transformações da idade. E, no romance biográfico (e autobiográfico), “a formação da vida-destino se funde com a formação do próprio homem”. Já no romance didático-pedagógico, é representado o processo pedagógico da educação. O autor considera mais importante o romance do tipo realista, que mostra que a formação do homem tem grande influência da formação histórica, mas a compreensão desse tipo de formação está entrelaçada com os outros quatro tipos de romances citados. Com isso, o desenvolvimento do homem se apresenta em indissolúvel relação com o desenvolvimento histórico. A formação do homem efetua-se no tempo histórico real com sua necessidade, com sua plenitude, com seu futuro, com seu caráter profundamente cronotópico.

Com esta afirmação, o autor ressalta a estrita relação do contexto histórico social com a formação do indivíduo. Os aspectos culturais, sociais e políticos de determinada época estão refletidos na formação do ser humano inserido na sociedade. Em suma, a

educação do ser social varia de acordo com os valores do período histórico correspondente.

Como já foi discutido anteriormente, acerca da ligação do contexto histórico com o *Bildungsroman*, o seu conceito acompanha as constantes transformações e concepções do período histórico. Isso justifica a sua contínua ampliação conceitual. Em virtude dessas mudanças, Mazzari afirma:

Os desvios que o *Bildungsroman* vem apresentando em relação ao seu protótipo *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* mostram-se como reflexos das transformações políticas e econômicas ocorridas nas estruturas da sociedade em que o herói em formação busca integrar-se (1999, p. 85).

Sob este ângulo, pode-se dizer que o Romance de Formação sofreu uma grande crise com o terror das duas Guerras Mundiais no século XX. Em face desses conflitos históricos e sociais, a personalidade individual se vê fragmentada e o projeto burguês entra em declínio com o esfacelamento das condições históricas que o sustentam. Destruindo a ideia de consciência una, o indivíduo está fragmentado, bem como deve estar os valores que afetam a sua formação.

Diante de fatores históricos e sociais, surgiu a necessidade de a realidade ser representada na literatura com todas as suas mudanças. No século XX o mundo estava se desintegrando e, portanto, não havia espaço para a literatura unificada do romance burguês que se extinguiu.

Ao ampliar o ângulo dessa problematização, percebe-se que ela está vinculada à natureza conceitual do *Bildungsroman* que enfatiza as circunstâncias de diversos núcleos discursivos em detrimento das categorias literárias tradicionais. Assim, Maas (2000, p. 207) complementa ao assegurar que é bastante coerente uma compreensão do *Bildungsroman* como um produto de configurações históricas e literárias determinadas, que se transformam ao longo da existência do próprio conceito.

A partir da exposição de diversas teorias acerca do Romance de Formação, compreende-se o *Bildungsroman* como uma manifestação literária que, pelo caráter histórico, não se cristaliza no tempo, e que, portanto, pode sofrer constantemente algumas modificações conceituais no decorrer do processo histórico-literário.

O *Bildungsroman* também possibilita um caráter pedagógico. Já que este gênero literário está relacionado com o indivíduo e sua interação com a sociedade, esta relação possibilita a personagem aspirar alguns valores educativos desse mundo social ou até mesmo tentar modificá-lo, melhorá-lo, humanizá-lo, quando ela acredita que o seu conjunto de valores é mais adequado. E, ao mesmo tempo em que a personagem adquire algum tipo de aprendizado no decorrer da narrativa, o leitor também é atingido pela proposta educativa evidenciada no Romance de Formação. Em outra vertente pedagógica de Salinger (o das religiões orientais), podemos observar o mesmo intuito artístico e educacional presentes nos contos sobre a família Glass, outra obsessão literária do autor e que pode ser conhecida em seus contos.

Temos, então, o processo pedagógico que alcança a personagem, que se relaciona com o mundo. Ao mesmo tempo, como parte do processo, o leitor, ao se deparar com o discurso, as situações e o próprio enredo, também se educa. Essa ideia é apresentada pelo filósofo alemão Walter Benjamin (1980, p. 59) que, em “O narrador”, defende o conceito da arte como mecanismo educador quando diz que a narrativa tem uma dimensão utilitária, podendo consistir num ensinamento moral, numa sugestão prática, num provérbio ou numa norma de vida. Ao analisar o papel do foco narrativo no romance, ele defende que o narrador é aquele que sabe dar conselhos, ou seja, aquele que tem algo para contar, ensinar, passar adiante. O papel pedagógico da arte também é lembrado por Allain Robbe-Grillet, quando afirma que os romancistas perceberam que contar histórias apenas para distração era fútil. Assim, muitos deles retomaram a ideia de Aristóteles da arte como um meio de educação (ROBBE-GRILLET, 1969, p. 26). O romancista está ciente de que a realidade é ambígua, ou seja, confusa em demasia, para que possamos extrair dela, apenas dela, uma lição. Resgatando a função pedagógica da obra de arte, o autor de *Por um novo romance* acrescenta outro aspecto à literatura: ela pode ser revolucionária por expor a situação do homem e do universo em que ele interage. Isso quer dizer que a literatura não precisa incitar o leitor a pegar em armas, e sim, fazê-lo refletir sobre a sua condição de ser humano. Robbe-Grillet, romanticamente, completa seu pensamento com a afirmação de que ao nos depararmos com a prosa moderna, esta só assume o seu papel de obra de arte quando trazer:

[...] ao mundo novas significações, ainda desconhecidas dos próprios autores, significações que só mais tarde, e graças a essas obras, é que

irão existir, e a partir das quais a sociedade estabelecerá os novos valores... que novamente serão inúteis, ou mesmo nefastos quando se tratar de julgar a literatura que se estiver fazendo (1969, p. 96).

Salinger, quando escreveu *O apanhador no campo de centeio*, provavelmente tinha objetivado uma proposta educativa ao incitar no leitor a reflexão da sociedade através dos vários questionamentos de Holden Caulfield, o protagonista do romance. Ao se questionar sobre o mundo, Holden vai se educando quando descobre as respostas para algumas das suas dúvidas. Ao mesmo tempo, o leitor, ao se deparar com as situações do livro, consegue absorver o aprendizado dessa personagem. Observaremos, a seguir, como o adolescente Holden interage com o mundo dos adultos.

O Bildungsroman em O apanhador no campo de centeio

O romance *O apanhador no campo de centeio* discute o duro e difícil processo de amadurecimento de Holden Caulfield que está naquele período de transição chamado adolescência, quando a criança deve abandonar a infância para entrar no mundo das responsabilidades. O *Bildungsroman* se configura por essa aprendizagem e por fazer com que o leitor aprenda, através da leitura, as experiências do protagonista.

O amadurecimento de Holden tem o seu momento mais significativo quando ele sai do colégio *Pencey Prep* e se hospeda em um hotel de Nova Iorque. É nessa cidade que ele começa a viver experiências típicas do mundo adulto. A primeira delas ocorre quando o adolescente vê, pela janela, algumas extravagâncias sexuais praticadas pelos outros hóspedes:

Vi um sujeito de cabelos grisalhos e ar muito distinto, só de cuecas, fazendo um troço de cair o queixo. Primeiro pôs a mala em cima da cama. Aí tirou uma porção de roupas de mulher e começou a vesti-las. [...] Depois ficou andando pra lá e pra cá, no quarto, com uns passinhos miudinhos assim como as mulheres fazem, fumando um cigarro e se olhando no espelho. [...] quase em cima da janela dele, um homem e uma mulher estavam se encharcando: cada um esguichava um bocado de água em cima do outro. Talvez fosse uma bebida qualquer. [...] Não estou brincando, não, o hotel estava repleto de tarados (SALINGER, 2006, p. 65).

O momento de voyeurismo não significa a descoberta do sexo, evidentemente, e sim a situação propícia para falar sobre sua própria sexualidade:

O diabo é que esse tipo de porcaria é meio fascinante da gente olhar, mesmo que não queira. Por exemplo, essa garota que estava levando os esguichos na cara, ela era um bocado bonita. Aí é que está o problema. Na *imaginação*, sou provavelmente o maior tarado sexual que existe. De vez em quando sou capaz de inventar uns troços um bocado indecente que não me importaria de fazer se aparecesse uma oportunidade. [...] Pensando bem é nojento. [...] É uma pena que um troço imundo desses às vezes possa ser um bocado divertido. [...] Sexo é o tipo da coisa que não consigo entender direito. A gente nunca sabe *em que ponto está*. Vivo estabelecendo uma série de regras sexuais para mim e aí, não demora muito, desobedeço a todas elas. [...] Sexo é um troço que não entendo mesmo. Juro que não entendo (SALINGER, 2006, p. 66, grifos do autor).

Em seguida, Holden conhece algumas garotas no Salão Lavanda, a boate do mesmo hotel. Eles dançam e quando o protagonista volta para o hotel, é abordado por um ascensorista-cafetão que lhe oferece uma prostituta. Ele aceita apesar de não conseguir ter qualquer envolvimento com a mulher.

Em nossa sociedade, a iniciação para o mundo adulto, simbolicamente, começa com a iniciação sexual (às vezes até antecipada). A recusa do ato sexual pode significar uma recusa à entrada para o mundo dos adultos.

A ideia central do *Bildungsroman* é de refletir sobre a trajetória de um personagem ressaltando o seu desenvolvimento. Isso não significa que o herói, a exemplo do que muitos críticos falaram a respeito de *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, precisa, necessariamente, buscar harmonia com a sociedade. Marcus Vinícius Mazzari (1999, p. 67) nos alerta que não se deve ver o cânone como uma manifestação dos anseios burgueses de integração pacífica do homem na sociedade, pois Wilhelm Meister se recusa a viver de acordo com os padrões pré-estabelecidos para si, optando pela vida artística, apesar de ainda querer viver em harmonia com a sociedade. A atitude de Meister abre precedente para a ideia da constante mutação desse gênero literário.

Os valores da década de 50 (período da publicação do romance e do contexto da obra) concernentes a educação do sujeito para a sociedade eram do tipo que preparava o jovem apenas para entrar na universidade, para cumprir papéis sócio-econômicos em

detrimimento de uma educação artística e filosófica. Os EUA foram o país que mais lucrou com a 2ª Guerra Mundial. A nova classe média e alta surge farta de dinheiro e conforto material, os empregos estavam cada vez mais burocráticos, pois o profissional mal via o sol e o dia passar. É esse tipo de vida que Holden procura evitar, que não quer para si. O *Bildungsroman* de Salinger não busca a integração de seu protagonista com a sociedade, e sim o rompimento total, a criação de um mundo em que só existem crianças protegidas dos perigos externos. Holden tentou algo inalcançável. Mais adiante, quando fala com o psicólogo, o adolescente já havia percebido que isso era impossível.

A guerra é uma das coisas que o herói não suporta, comportamento demonstrado pela maioria dos jovens norte-americanos. O exército, para ele, é uma farsa, está corrompido pela corrida armamentista e pelo suborno político que o transformaria em um assassino. Holden ironiza os efeitos da guerra por ser algo praticado pelos adultos, que pertence ao mundo que ele está começando a conhecer:

De qualquer maneira, até que achei bom eles terem inventado a bomba atômica. Se houver outra guerra, vou me sentar bem em cima da droga da bomba. E vou me apresentar como voluntário para fazer isso, juro por Deus que vou (SALINGER, 2006, p. 138).

As duas palavras que Holden mais usa para se referir a esse mundo são *phony* e *lousy*, que significam, respectivamente, hipócrita e droga. Todos aqueles que pertencem ou vão pertencer ao mundo adulto são alcunhados por Holden com os dois epítetos. Holden propõe o rompimento social ao planejar fugir, já que não dá para se harmonizar em um mundo repleto de *phonies* e *lousies*.

A educação não está, necessariamente, vinculada à escola. Holden é expulso de quatro colégios. O penúltimo deles, o *Elkton Hills*, segundo ele, estava repleto de hipócritas: “[...] Tinha um cretino em cada canto. Por exemplo, tinha o diretor, um tal de Sr. Haas que era o filho da mãe mais fingido que eu já vi. Dez vezes pior do que o velho Thurmer [o diretor de *Pencey Prep*] [...]” (SALINGER, 2006, p. 18). Em seguida, Holden fala do comportamento falso do diretor quando recebia os pais dos alunos e da sua indiferença de acordo com o perfil de cada um. O *Pencey Prep* também é considerado por Holden como um lugar cheio de pessoas falsas. Por esse motivo, quando vai embora, Holden grita no corredor: “– Durmam bem, seus imbecis!”

(SALINGER, 2006, p. 55). Tal atitude denota a impressão de Holden em relação ao colégio: é um lugar repleto de pessoas mentirosas e fingidas.

Um dos episódios mais estranhos para Holden acontece quando ele procura o professor de inglês, o Sr. Antolini, a quem nutria admiração e confiança, o que era raro em se tratando de um adulto. Após falar sobre o período conturbado da transição para a fase adulta, o professor Antolini surpreende Holden, de forma negativa. Tudo leva a crer, pelo menos pela descrição do protagonista, que o professor tentou assediá-lo sexualmente: “Senti uma coisa na minha cabeça, a mão de uma pessoa. Puxa, fiquei apavorado pra diabo. Num instante vi que era a mão do professor Antolini [...] e estava assim me fazendo festinha ou carinho na cabeça” (p. 186).

Segundo Warren French (1966, p. 114-115), no livro *J. D. Salinger*, quaisquer que fossem as propensões sexuais do professor, sua insensibilidade desvia o rapaz de seu último possível refúgio. Quando Holden procura Antolini, ele não quer os seus conselhos como o professor faz. O jovem espera um gesto, mas o que o professor fez foi um gesto infeliz. Independente do valor dos conselhos de Antolini, Holden tinha perdido as esperanças. Nesse momento de perturbação, o protagonista procurou ajuda naquele que não iria mudar, procurou auxílio em Allie, o irmão morto ainda criança: “Allie, não me deixa desaparecer. Por favor, Allie” (SALINGER, 2006, p. 191). Provavelmente, este tenha sido o apelo de alguém que está perdendo a inocência e a pureza e entrando no mundo dos adultos. Em seguida, ele fala que vai fugir para longe e se tiver filhos, ficarão escondidos. Para Warren French (1966, p. 115), Holden reconhece que “a sociedade não tem mais nada a lhe dar”, o que denota um grande amadurecimento pessimista.

Todos os pedidos de assistência de Holden são frustrados e somente sua irmã Phoebe poderá salvá-lo, já que o seu outro irmão vivo, D. B., é adulto e Allie está morto. French (1966, p. 115) argumenta que quando Holden percebe algumas palavras obscenas (“Foda-se!”) escritas nas paredes e banheiros da escola de Phoebe e nos corredores do Museu de História Natural, o herói descobre que “não se pode achar nunca um lugar quieto e gostoso, porque não existe nenhum” (SALINGER, 2006, p. 197). Um dos mais importantes aprendizados de Holden ocorre quando ele compreende que é impossível viver num mundo sem conflitos, pois a desordem sempre está presente

em todos os lugares como os palavrões. Ele percebe que terá que aceitar o mundo tal qual ele é, por isso, passa por tratamento psicológico.

Outro episódio marcante é quando Holden encontra-se com Phoebe. Os dois passeiam e conversam sobre a situação de Holden. É nesse momento que o protagonista revela que gostaria de ser o apanhador no campo de centeio, ou seja, aquele que ficaria no alto e observaria todas as crianças no campo, evitando que alguma pudesse se afastar e cair no precipício, quer dizer, entrasse para a vida adulta. Holden gostaria de assumir o papel de protetor, aquele que agarraria qualquer criança antes que ela perdesse a inocência. Por isso, o nome Holden Caulfield (*hold* = segurar, agarrar, *field* = campo). Quando Phoebe menciona fugir com Holden, ele desiste.

A temática e o nome do romance de Salinger são uma alusão ao poema do escocês Robert Burns *Coming Through the Rye* (Atravessando o centeio) em que a menina Jenny é assediada e agarrada, provocando-lhe, como consequência, a perda da inocência. Holden e Phoebe falam do poema.

Quando se dirigem para o parque e Phoebe começa a brincar no carrossel, Holden tem outra descoberta. Ele compreende que o fim da infância é simbolizado pela parada do carrossel, pois será o momento quando eles terão que voltar para o mundo deprimente. Mas, como não existe nenhum lugar que seja gostoso e quieto, “estes breves momentos de alegria desinteressada são o melhor que a vida pode oferecer” (FRENCH, 1966, p. 116).

O apanhador no campo de centeio é um *Bildungsroman* por narrar o momento de passagem para a fase adulta de seu protagonista que experimenta o mundo adulto, tenta lutar contra ele, mas percebe que não é possível ficar eternamente resguardado na inocência. Para o leitor, fica a mensagem explícita que o problema de Holden é algo que todos um dia enfrentaram ou enfrentarão. O leitor, de alguma forma, pode se identificar com o protagonista por ele representar o desenvolvimento de um ser humano, mesmo sendo ele um ser ficcional. Ele também experimentará as experiências e frustrações de Holden, e, provavelmente, entenderá a sua reação de oposição ao mundo da hipocrisia e falsidade, como ele próprio o definia.

É um romance que reflete não apenas o problema dos americanos daquela época. É universal porque fala sobre o ser humano em um período de transição, provavelmente o mais difícil e conturbado de todos. Viemos ao mundo, imaginamos que tudo é fantasia

e descobrimos que nascemos para assumir responsabilidades e interagir, muitas vezes, com a hipocrisia da sociedade. Por isso, sempre nos lembramos da melhor fase de nossas vidas que é, sem dúvida, a infância. É um livro para ser lido por todos aqueles que atravessarão a ponte entre os dois mundos, pois é tentador a ideia de ficar entre as crianças no campo de centeio, protegidos contra o mundo de fora.

Temos certeza de que, se precisássemos, Holden estaria lá, no alto do campo para nos impedir de cair nesse mundo de falsidades. Essa é, sem dúvida, a mais bela metáfora literária da literatura norte-americana.

Referências

SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio*. Tradução de Álvaro Alencar et al. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do romance de educação. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 217-224.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Textos escolhidos*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Abril, 1980. p. 57-74.

FROTA, Adolfo José de Souza. *Bildungserzählung e o narrador nos contos de Jerome David Salinger*. Dissertação (Mestrado em Letras). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2007, p. 114

MAAS, Wilma Patrícia. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Unesp, 2000.

MAZZARI, Marcus Vinicius. *Romance de Formação em perspectiva histórica*. O tambor de lata de G. Grass. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

ROBBE-GRILLET, Allain. *Por um novo romance*. Tradução de T. C. Netto. São Paulo: Documentos, 1969.

THE *BILDUNGSROMAN* AND THE LOSS OF INNOCENCE IN *THE CATCHER IN THE RYE*, BY J. D. SALINGER

ABSTRACT

This article aims to analyze the novel *The Catcher in the Rye*, by J. D. Salinger observing the pedagogical purpose of the *Bildungsroman* when it reflects the relationship of the protagonist with society in his maturing process. With this, work, society and historical background are important points to understand the Novel of Formation.

Keywords: bildungsroman, north-american literature, historical background.